JEAN-JACQUES BOMPARD



LIVREIROS DO NOVO MUNDO

DE BRIANÇON AO RIO DE JANEIRO



EDITORA UNICAMP
edusp
editora unesp

LIVREIROS DO NOVO MUNDO



Universidade Estadual de Campinas

Reitor Antonio José de Almeida Meirelles
Coordenadora Geral da Universidade Maria Luiza Moretti



Conselho Editorial

Presidente Edwiges Maria Morato
Alexandre da Silva Simões – Carlos Eduardo Ornelas Berriel
Carlos Raul Etulain – Cicero Romão Resende de Araujo
Dirce Djanira Pacheco e Zan – Iara Beleli – Marco Aurélio Cremasco
Pedro Cunha de Holanda – Sávio Machado Cavalcante



Universidade de São Paulo

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes



Editora da Universidade de São Paulo

Diretor-presidente Carlos Roberto Ferreira Brandão

Comissão Editorial

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Suplentes Marta Maria Geraldes Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin



Fundação Editora da Unesp

Presidente do Conselho Curador Mário Sérgio Vasconcelos
Diretor-Presidente Jézio Hernani Bomfim Gutierre
Superintendente Administrativo e Financeiro William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Danilo Rothberg – Luis Fernando Ayerbe
Marcelo Takeshi Yamashita – Maria Cristina Pereira Lima
Milton Terumitsu Sogabe – Newton La Scala Júnior
Pedro Angelo Pagni – Renata Junqueira de Souza
Sandra Aparecida Ferreira – Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara
Leandro Rodrigues

Jean-Jacques Bompard

LIVREIROS DO NOVO MUNDO

DE BRIANÇON AO RIO DE JANEIRO

Prefácio
Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

Tradução
Leila V. B. Gouvêa

EDITORA UNICAMP
edusp
editora unesp

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

B639L Bompard, Jean-Jacques
Livreiros do Novo Mundo: De Briançon ao Rio de Janeiro / Jean-Jacques Bompard; tradução: Leila V. B. Gouvêa. -- Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora da USP,: Editora da Unesp, 2021.

1. Bompard, Jean-Baptiste, 1757-1842. 2. Livreiros – Brasil – História. 3. Livros – História. 4. Livros – Comércio – Rio de Janeiro. I. Gouvêa, Leila V. B. II. Título.

ISBN 978-85-268-1490-5 (Editora da Unicamp)
ISBN 978-65-5785-028-2 (Edusp)
ISBN 978-65-5711-050-8 (Editora Unesp)

CDD - 070.50981
- 002.09
- 070.5098153

Título original:
Libraires du Nouveau Monde: De Briançon à Rio de Janeiro

Copyright © 2015 by Jean-Jacques Bompard
Copyright © 2021 by Editora da Unicamp, Editora da USP e Editora Unesp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
Cep 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
Cep 05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
Cep 01001-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3242-7171 – Fax: (11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br – atendimento.editora@unesp.br

A educação recebida havia insuflado em suas veias a energia necessária para buscar no exterior, e no Novo Mundo, os recursos dos quais sua terra, com seu penoso clima, mostrava-se tão parcimoniosa.

Briançon-La-Vachère, 1798-1912

"Mémoire" do doutor Léo Bompard,
médico de Briançon, neto do livreiro
Jean-Baptiste Bompard

SUMÁRIO

PREFÁCIO: AVENTURA NO MUNDO DOS LIVREIROS... 11

APRESENTAÇÃO: DA LEMBRANÇA DAS ORIGENS AOS CAMINHOS INTERROMPIDOS DA MEMÓRIA 17

1. FAMÍLIAS CUJO PASSADO SE CONFUNDE COM O DA COMUNIDADE DE LA SALLE 21

Em busca de uma ascendência 24

Uma vida de labor em uma terra ingrata 26

O lugar reservado à instrução 29

Da mascatagem aos ofícios do comércio 30

2. OS PRECURSORES DO MONÊTIER DE BRIANÇON (HOJE, MONÊTIER-LES-BAINS) 35

A comunidade dos livreiros briançonnais em Portugal, 1750 39

O terremoto de 1º de novembro de 1755 40

Um novo começo 43

3. DO VILAREJO DE BEZ A LISBOA 47

Uma tradição de solidariedade e uma mesma ambição 48

Joseph-Augustin Borel 48

Jean-François Borel 52

Paul Martin: O início de uma aventura familiar 56

O ofício de livreiro e a censura no final do século XVIII 59

4. NOVAS PERSPECTIVAS NO RIO DE JANEIRO
ANTES DA CHEGADA DE DOM JOÃO VI 65
Famílias estreitam seus laços 68
Os comerciantes de livros interessam-se pelo Brasil 69
Outra atividade do livreiro Paul Martin 70
Paul Martin abre uma livraria no Rio de Janeiro 71
A invasão de Portugal e a partida da Corte para o Brasil 76

5. A LIVRARIA, A EDIÇÃO E A IMPRENSA NO BRASIL E
EM PORTUGAL SOB A REGÊNCIA DE DOM JOÃO 81
O início em um Brasil em formação 81
A Impressão Régia 86
A Gazeta do Rio de Janeiro *e a nova posição de Paulo Martin (filho)* 87
A nova sociedade do Rio de Janeiro 90
A situação dos livreiros no Rio de Janeiro e em Lisboa 98
A Gazeta do Rio de Janeiro*, reflexo da época e da atividade dos livreiros* 100
Paulo Martin e a venda de gravuras 103
1809-1813: O mercado do livro evolui 104
Paulo Martin, o primeiro livreiro-editor 106
Vendas inéditas por catálogo 108
A nova situação familiar dos livreiros Martin 110
A situação no final da regência de dom João: 1813-1816 111

6. EM BRIANÇON, DO FIM DO ANTIGO REGIME À
PARTIDA DE JEAN-BAPTISTE BOMPARD 119
Em um período agitado, as vicissitudes de um mandato público 121
Jean-Baptiste Bompard, de Briançon a Lisboa: 1797-1816 125

7. 1816-1818: NO BRASIL, ENTRE EVOLUÇÃO E INCERTEZAS 131
A Missão Artística Francesa 132
Banco do Brasil: A subscrição dos comerciantes da cidade 139
O livreiro Paulo Martin, acionista do Banco do Brasil 140
A Revolução de Pernambuco e os apoiadores de dom João VI 143
Pernambuco e um projeto abortado de fuga de Napoleão 145
A missão científica de Freycinet 147
O livreiro Paulo Martin investe em seguros 148

8. JEAN-BAPTISTE BOMPARD: DE LISBOA AO RIO DE JANEIRO 151

9. A EDIÇÃO, O LIVRO E O BRASIL A CAMINHO DA INDEPENDÊNCIA (1819-1822) 159

A Revolução Liberal do Porto de 1820 e os acontecimentos posteriores 164

A edição, a imprensa e a atividade do livreiro Paulo Martin em 1821 e 1822 168

10. DE PAULO MARTIN A JEAN-BAPTISTE BOMPARD, 1822-1824 177

11. A LIVRARIA DE JEAN-BAPTISTE BOMPARD (1824-1827) 183

O retrato de Jean-Baptiste Bompard por Henrique José da Silva 187

As atividades do livreiro Jean-Baptiste Bompard (1824-1827) 189

A lista de livros dos irmãos Martin em 1825 190

O catálogo da livraria de Jean-Baptiste Bompard (1825) 192

A medicina curativa e purgativa de Le Roy 198

As etiquetas da livraria de Jean-Baptiste Bompard 200

Uma imprensa febril 201

1826-1827: Os dois últimos anos de atividade do livreiro Jean-Baptiste Bompard ... 204

12. O RETORNO À FRANÇA DO LIVREIRO JEAN-BAPTISTE BOMPARD 207

13. UMA SEGUNDA VIDA BASTANTE LONGA: 1829-1890 215

Um gabinete literário 216

O antigo livreiro se instala na Grande Rue, 41, em Briançon 217

Rememorações do Brasil 218

A propriedade de "La Vachère" 220

Os livreiros de Nápoles: Balthazard Borel e Charles Bompard 222

A municipalidade, as festividades de 1º de junho de 1857 e a Medalha de Santa Helena 223

Jean-Baptiste Bompard e o mel briançonnais 226

Um último olhar sobre o século 226

EPÍLOGO 229

BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS 231

ANEXOS 237



Imagem 1. Retrato de Jean-Baptiste Bompard por Henrique José da Silva. Óleo sobre tela, Rio de Janeiro, outubro de 1824. Coleção e fotografia de Jean-Jacques Bompard.

Prefácio

AVENTURA NO MUNDO DOS LIVREIROS...

Na caixa postal do meu computador, o nome "Bompard" trazia uma vaga lembrança. Ao abrir a mensagem, um texto em português, algo duro, explicava: um artigo, disponível na internet, que eu escrevera sobre livreiros franceses no Rio de Janeiro de inícios do século XIX, continha menção a um antepassado do remetente – o autor desse instigante e importante livro, agora traduzido para o português, que tenho a alegria de prefaciar. E não era tudo. Anexas, vinham reproduções de um selo de livraria da década de 1820 e do retrato a óleo do antigo livreiro Jean-Baptiste Bompard – pintado por Henrique José da Silva (1772-1834) –, o primeiro diretor da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. Correspondência vai, correspondência vem; pesquisas aqui e ali; consulta a fichas guardadas há algum tempo. As peças começaram a se encaixar.

Esse primeiro contato com o atual senhor Bompard ocorreu em maio de 2008, época, no Brasil, das comemorações pelos 200 anos da chegada da família real. Fato fundamental para aqueles que estudam a história dos livros e dos livreiros, pois abriu o território para o comércio internacional, atraiu negociantes estrangeiros e viabilizou a introdução da imprensa. Assim se consolidaram e se multiplicaram os mercadores que se especializaram no ramo dos livros, como foram João Roberto Bourgeois e Paulo Martin, ambos também personagens deste livro.

Da troca de correspondência e documentos, foi-se revelando a história do outro Bompard, o livreiro do início do século XIX, um daqueles casos, raros na história, de indivíduos quase desconhecidos, mas com enorme potencial para esclarecer aspectos da época em que viveram. Natural de Briançon, no departamento dos Altos Alpes, no sudeste da França, Jean-Baptiste Bompard nasceu em 1797 e, 20 anos depois, trocou as montanhas natais por Lisboa, onde atuava um tio. Em 1818, seguiu para o Rio de Janeiro, a fim de colaborar com o primo Paulo Martin. Quando este falece, em 1824, torna-se o mais importante livreiro da cidade, depois de ter se estabelecido na rua dos Pescadores (atual rua Visconde de Inhaúma), número 49.

Muitos desses dados somente surgiram a partir de mensagens trocadas e das conversas travadas com Jean-Jacques Bompard, que vim a conhecer pessoalmente em 2010, numa dessas experiências da vida de que nunca mais se esquece. Aproveitando uma viagem com meu marido, também historiador, para participar de colóquio em Lisboa, ampliamos o percurso até Lyon. Ao desembarcar, encontramos um antigo executivo, apaixonado pelo esqui (tema sobre o qual publicou uma enciclopédia em 2005), mas que reunia igualmente, com zelo e paixão, as memórias da família. De carro, conduziu-nos a Grenoble, onde reside, e, durante quase três dias, mostrou-se um cicerone fascinante não só da comunidade de "nossos livreiros" – sobre os quais, não sendo historiador de ofício, realizou um trabalho de pesquisa espantosamente bem cuidado e detalhado –, mas ainda dos arredores da cidade, de onde tinham partido aqueles homens do passado que nos cativaram.

Primeiro, em casa do senhor e da senhora Bompard, examinei de perto o magnífico retrato de Jean-Baptiste, pintado em 1825, cuja autoria foi autenticada pelo Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro. Enquanto eu o olhava, o descendente daquele que foi representado ainda jovem, de calça branca e casaco marrom, sentado um pouco de través numa cadeira simples, segurando um livro, que mantém marcado com o indicador esquerdo, aproximou-se. De uma caixa de papelão, retirou então dois objetos: um anel e uma curiosa joia, com duas pedras, uma vermelha, outra azul, presas a uma corrente de ouro. O primeiro, seu antepassado usava na mão direita, na pintura; o segundo, trazia à cintura, como uma espécie de fecho. Apesar da longa experiência de pesquisa, subitamente, como por efeito de uma *madeleine* proustiana, o passado se materializava para mim no presente, como nunca havia ocorrido.

Nessa primeira manhã, pude ver não só um exemplar de *Telêmaco*, os cinco volumes da obra do abade Raynal, como também um selo da livraria carioca, mas ainda tapeçarias feitas por Jean-Baptiste, uma das ocupações a que se dedicou ao voltar para Briançon. Numa delas, ao centro, lembrança decerto do Brasil, figurava uma onça. Ao mesmo tempo, acompanhei, atônita, a abertura de numerosas pastas com documentos sobre a família, pacientemente recolhidos e classificados: certidões de batismo, casamento e óbito; cartões de visita de comerciantes do final do século XVIII, inícios do XIX, e outros. No final, após mostrar o planejamento minucioso para o dia posterior, à maneira de um eficiente executivo, os comentários do senhor Bompard sobre aquele conjunto inestimável de informações tornavam o ambiente, as relações familiares e a trajetória de seu antepassado mais claras e concretas. Eu estava longe de imaginar o que ainda estava por vir.

Após a nevasca de uma noite de final de inverno, na manhã seguinte o céu amanheceu limpo, de um azul muito profundo. Saímos bem cedo de Grenoble em direção a Briançon. A estrada, já desimpedida, logo começou a serpentear, subindo a montanha, as encostas cobertas de neve muito branca. Pelo caminho, pequenas aldeias, algumas transformadas hoje em estações de esqui pela indústria do turismo no século XX: La Grave, Le Monêtier-les--Bains, Le Bez, La Salle-les-Alpes. Casas simples, com aposentos inferiores para abrigar os animais no inverno, de telhados que, apesar de íngremes, suportavam grossas placas de gelo. Forno comunitário para fazer pão. Pequenas igrejas antiquíssimas, cuja chave busca-se na morada vizinha – frias e austeras como há 200 anos. Por fim, quase na fronteira com a Itália, Briançon, fortaleza remodelada por Vauban a serviço de Luís XIV.

Nesse período, de um lado, a geografia tornava a região militarmente estratégica e também ponto de passagem obrigatório para os mascates que uniam a Itália, a França e a Suíça; de outro, a procura de condições mais favoráveis afastava daquele ambiente inóspito qualquer excedente populacional. Foi o caso da família Bompard, ali estabelecida desde o século XIII; como também daquelas outras, cujos sobrenomes encontram-se em qualquer estudo do comércio livreiro ao redor de 1800, entre os quais Borel, Martin, Reycend, Bertrand, Rolland, Aillaud. Seus membros emigraram e se fixaram em Nápoles, Turim, Paris e Lisboa; e chegaram, como visto, até o Rio de Janeiro! Conservando os laços de origem e casando-se entre si, criaram

redes de relacionamento e de informação indispensáveis para o exercício do comércio naqueles tempos de comunicações lentas e precárias.

Ainda no final de 2010, um congresso nos Açores tornou possível novo encontro com o senhor Bompard, dessa vez em Lisboa. Juntos, visitamos o Arquivo da Marinha e o Histórico Ultramarino, em busca da data precisa em que Jean-Baptiste partira para o Brasil. Sem sucesso na ocasião, foram as minuciosas pesquisas posteriores do autor, com um domínio cada vez maior do português, que levaram à descoberta. Seis meses mais tarde, coube a Jean--Jacques Bompard refazer o trajeto de seu antepassado para conhecer o Rio de Janeiro em que vivera. Na Biblioteca Nacional, ele pôde então examinar o original manuscrito, na letra do próprio livreiro, do magnífico catálogo de 1825 da loja de Bompard, com mais de quatro mil obras publicadas em diversas línguas, cuja menção, em artigo meu disponível na internet, levara à mensagem eletrônica mencionada no início.[1] Na pequena igreja de Santa Rita, próxima da loja de Jean-Baptiste, seu descendente ainda visitou a sala da irmandade onde Paulo Martin atuara como compromissário nas eleições de 1821 para os deputados às Cortes portuguesas.

Arguto e tenaz, Jean-Jacques Bompard claramente adquiriu, à sua maneira, aquele "gosto do arquivo" de que a historiadora Arlette Farge[2] tece o elogio! Assim, a cada vez que nos correspondíamos, ele sempre trazia novidades para discutir comigo sobre a vida e o mundo dessas ricas personagens, demonstrando o domínio que passara a ter sobre a pesquisa histórica, graças à qual passou a recolher pistas e dados imprescindíveis para a análise de assunto tão rico.

O resultado de tantos anos de trabalho é o livro que agora se apresenta – *Livreiros do Novo Mundo: De Briançon ao Rio de Janeiro*. Nele, escrito em linguagem simples e direta, o autor procura examinar, com inteligência e exatidão, as diversas facetas do processo de formação do mercado livreiro que se constituiu entre França, Portugal e Brasil desde o final do século XVIII. Desse modo, mais do que simples biografia de Jean-Baptiste, sua principal personagem, o trabalho procura traçar a trajetória desses livreiros do *Novo Mundo* e

[1] Lucia Maria Bastos Pereira das Neves. "João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: Livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do Oitocentos". *Anais Eletrônicos do X Encontro Regional de História da ANPUH-RJ – História e Biografias*, 2004. Disponível em: <https://www.google.com.br/#safe=off&q=trajetorias de livreiros no rio de janeiro>.

[2] Arlette Farge. *Le goût de l'archive*. Paris, Seuil, 1989.

analisar o caminho por eles percorrido. Para isso, recorre a duas dimensões: as histórias de suas vidas e a obra que realizaram, consubstanciada no papel que assumiram na vida cultural, política e editorial do período.

Ao mesmo tempo, ele não esquece que, além de indivíduos capazes de transmitir ideias novas de um lado para o outro do Atlântico, esses livreiros foram, sobretudo, homens de negócios. Tratavam de livros, sim, mas também, como era característico na época, de outros assuntos, participando de companhias de seguro ou de bancos, por meio da aquisição de ações, sem descuidar de fazer generosas doações à Coroa a que estavam submetidos para garantir privilégios.

A fim de atingir seus objetivos, Jean-Jacques Bompard formula diversas indagações e, fundamentado na ampla documentação que recolheu em instituições de pesquisa na França, em Portugal e no Brasil, apresenta suas respostas e análises em pequenos capítulos, compondo um todo coerente e harmonioso. Não se limita à simples identificação dos livreiros, mas procura examinar igualmente as práticas políticas e culturais do mundo luso-brasileiro do fim do século XVIII até inícios do XIX, época de agitação febril, com as invasões napoleônicas em Portugal, a transferência da família real portuguesa para cá, o crescimento do movimento editorial, a liberdade de imprensa e, por fim, a independência do Brasil em 1822. Importava, portanto, inserir esses homens e seus livros nesse contexto, tornando inteligível a passagem do Antigo Regime a uma nova ordem social, que chamamos *Modernidade*.

Sem dúvida, o olhar principal volta-se para a família Martin e, especificamente, para um *briançonnais*, Jean-Baptiste Bompard, que atravessou o Atlântico para fazer fortuna. No entanto, digna de nota é a preocupação em demonstrar as múltiplas ligações entre esses indivíduos. Assim, a reconstituição de filiações e a elaboração de árvores genealógicas permitem perceber como esses livreiros souberam conservar os laços de origem, reforçados em seguida pelos interesses comerciais. Talvez fruto da "solidariedade montanhesa", expressão de Georges Bonnant,[3] de que tinham dependido por séculos, foram buscar seus conterrâneos para consolidarem seus negócios com livros,

[3] G. Bonnant. "Les libraires du Portugal au XVIII^{e} siècle vus à travers leurs relations d'affaires avec leurs fournisseurs de Genève, Lausanne et Neuchâtel". Coimbra, *Arquivo da Bibliografia Portuguesa*, 21-22 (6), jan./jun. 1960, pp. 195-200.

formando "densas redes de relações comerciais" e criando uma espécie de grande família, como, de outro ponto de vista, mostraram também os estudos de Manuela Domingos sobre os livreiros portugueses do século XVIII.[4]

Por todas essas razões, confirma-se a importância deste livro, em sintonia com as abordagens recentes da história dos livros e dos livreiros, mesclando a história cultural, a história política, a econômica e a social. O trabalho constitui, assim, não só mais uma janela sobre o século XIX, mas contribui para melhor compreender como tais indivíduos, dos Alpes ao Brasil, transformaram-se em importantes agentes do processo histórico.

Dessa maneira, vale lembrar, por último, que este estudo sobre Jean-Baptiste, um desconhecido até agora tanto no Brasil quanto na França, que seu descendente Jean-Jacques Bompard resgatou com tanta dedicação, permite retomar, mais uma vez, um diálogo entre os dois lados do Atlântico que vem de longe. Diálogo que se intensifica nesses momentos de encontro, quando, no início do século XXI, a pesquisa aproxima os interesses de uma historiadora, que lida com livros e livreiros, em uma margem, àqueles de um cidadão *ilustrado*, na outra, que tenta, em suas próprias palavras, "preservar a memória desta aventura entre a França, o Brasil e Portugal".

Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

[4] Cf.: Diogo Ramada Curto *et al*. *As gentes do livro*: *Lisboa, século XVIII*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 2007.

Apresentação

DA LEMBRANÇA DAS ORIGENS AOS CAMINHOS INTERROMPIDOS DA MEMÓRIA

Ao longo de gerações, em meio às comunidades camponesas dos Alpes, o rigor do clima e os escassos recursos da natureza podiam tornar inevitável a opção pela emigração. Entre os habitantes de Briançon,* foram muitos os que se exilaram, temporária ou definitivamente: tendo recebido uma educação que, da leitura à escrita e ao domínio da aritmética, lhes conferia as bases de um saber sólido e seguro, eles estavam preparados para enfrentar os imprevistos e desafios de uma existência não isenta de riscos.

Entre os primeiros emigrantes, além de professores, estavam os que se destinavam ao comércio, um campo para o qual demonstravam qualidades como obstinação e habilidade, favoráveis ao êxito.

A manifestação mais original dessa emigração emergiu, sem dúvida, a oeste de Briançon, no vale de La Guisane, entre os vilarejos de La Salle e de Monêtier, quando da formação de uma rede de mercadores tornados livreiros, a qual se impôs, no século XVIII, no mercado de livros do sul da Europa, principalmente na Itália, na Espanha e em Portugal. Seu sucesso, qualificado na época de um predomínio sobre o comércio de livros, consagrava o pragmatismo de alguns habitantes dos Altos Alpes. Depois de terem praticado um

* Subprefeitura do departamento dos Altos Alpes, o qual hoje inclui, na mesma região, a Provença e a Costa Azul, no sudeste da França. Com 12.370 habitantes em 2015, Briançon fica próxima à fronteira com a Itália. (N. da T.)

comércio itinerante e se inserido nos circuitos de distribuição abastecidos pelos impressores europeus mais atuantes, eles criaram seus próprios negócios.

Longe de sua terra natal, desenvolveram entre si uma nova forma de solidariedade que, geração após geração, se fortaleceu mediante associações e alianças de natureza endogâmica, as quais garantiam o controle de seus estabelecimentos comerciais e a transmissão de seus patrimônios. Além disso, não obstante a expansão de suas atividades e o afastamento da região dos Altos Alpes, os membros dessas famílias mantinham laços estreitos com suas localidades de origem, sob o princípio de que era preciso inspirar a mesma fidelidade entre seus filhos. Os eventos familiares dos quais ali participavam ofereciam periodicamente ocasião de reencontros. Mesmo apartados pelas viagens, era costume, especialmente, que os casamentos fossem celebrados em sua terra. Os contatos então travados propiciavam às novas gerações a oportunidade de um aprendizado sob a tutela e com a ajuda dos mais velhos.

Uma outra forma de vínculo com a terra natal advinha, para os originários dos Altos Alpes expatriados, da manutenção de um patrimônio ali, uma casa, terras, rendimentos, dos quais conservavam a propriedade ou o usufruto até o momento em que, com mais frequência ao final de sua existência, deles viessem a dispor mediante testamento em favor de um parente, da paróquia ou dos pobres de sua cidade ou lugarejo.

Este livro ilustra como, em diversas circunstâncias, se manifestou a relação de proximidade mantida entre as famílias que permaneceram no vale de La Guisane e aquelas que se estabeleceram no estrangeiro; e como também se ocultou um paradoxo: a pálida representação de que dispunham os *briançonnais* das atividades de seus parentes comerciantes, livreiros ou editores, em seus países de adoção. Os arquivos dos Altos Alpes encontram-se, com efeito, praticamente desprovidos de informações sobre o que foi, entre fins do século XVII e meados do século XIX, essa singular e longínqua aventura nos ofícios do livro.

De fato, é a partir das cidades onde desenvolveram seus negócios que eles devem ser estudados, conforme observaram vários historiadores. Assim é que importantes fontes documentais podem ser consultadas nos arquivos existentes em Lisboa, Portugal; o mesmo se aplica ao Rio de Janeiro, antiga capital do Brasil (1763-1960). Duas cidades que conservaram vestígios profundos e duráveis da atividade dos livreiros que foram precursores em uma época importante de sua história.

Este livro busca empreender a reconstituição do percurso original desses oriundos de Briançon. Eles pertenciam a antigas famílias estabelecidas des-

de o século XIII em Bez, comunidade de La Salle, na França. Mercadores por muitas gerações, vários se dedicaram ao negócio do livro na Itália (em Turim, Nápoles ou Gênova), enquanto outros preferiram se estabelecer em Lisboa, de onde foram os únicos a levar seu comércio até o Rio de Janeiro.

Uma vez que souberam conduzir seus negócios com energia e habilidade em um período agitado (invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão, êxodo da Corte portuguesa, censura sucedida de liberação da edição e da imprensa e, por fim, a Independência do Brasil), seus nomes estão intimamente ligados à história da circulação das ideias e aos episódios marcantes da emancipação da antiga grande colônia portuguesa que contribuíram para delinear o Brasil de hoje.

O número e a qualidade de estudos e obras dedicados nos anos recentes a esses livreiros e a esse período, por pesquisadores ou historiadores portugueses e brasileiros, evidenciam a oportunidade de fazer reviver, do duplo ponto de vista dos Alpes de Briançon e dos países lusófonos, o que foi o caminho percorrido por seus protagonistas.

Uma reconstituição histórica que se justifica por um último paradoxo: um dos atores dessa aventura, o livreiro Jean-Baptiste Bompard, nascido em 1797 – ancestral em linha direta do autor destas linhas –, depois de permanecer por dois anos em Lisboa e dez no Rio de Janeiro, regressou a Briançon em 1828, onde viveu até idade avançada uma segunda existência dedicada à família, à agronomia e à apicultura. Longe do Brasil, ele conservou suas lembranças, com certa nostalgia, por meio de leituras e da feitura de tapeçarias que exaltavam o cenário dos arredores do Rio de Janeiro; mas, de modo inexplicável, não se preocupou em deixar um testemunho sobre os fatos e acontecimentos marcantes de sua vida no "Novo Mundo". Tudo se passou, de fato, como se o modo de vida do corpo social ao qual ele pertenceu no longínquo Brasil, tão distante dos hábitos em vigor na comunidade de Briançon, pudesse tornar tal relato desconcertante, de sorte que deve ter sentido que permaneceria como o homem daquela experiência pessoal.

De volta à terra natal, ele se tornou *Le Brésilien* ["o Brasileiro"], até mesmo em certidão civil,[1] mas a evocação por seus contemporâneos de sua história – ou, antes, de sua aventura – dificilmente ia além da anedota ou do pitoresco.

[1] Por ocasião do falecimento de Henriette Bompard, em 14 de novembro de 1870, a certidão do cartório mencionou que seu esposo era "Bompard, Jean-Baptiste (*Brésilien*), rentista". AD 05, Briançon, 1867-1870, folha 134.

Como explicar, ademais, que o historiador do Delfinado,* Aristide Albert – que se interessou em duas de suas obras, de 1874[2] e 1877,[3] pelos livreiros de Briançon, sem se aprofundar no tema –, não tenha, por ocasião dessas publicações, aproveitado a oportunidade de abordar o antigo livreiro Jean-Baptiste Bompard? Afinal, ele conhecia sua trajetória, já que a evocou brevemente no opúsculo[4] que dedicou, em 1899, ao filho dele, Numa Bompard.

Retomemos, então, essa história, buscando inicialmente no lugarejo de Bez os caminhos interrompidos da memória.



Imagem 2. A antiga comunidade de La Salle, no vale de La Guisane. Embaixo, à esquerda, a aldeia de La Salle; ao centro, ao pé do monte, a localidade de Bez. Fotografia de Francou, Briançon.

* Antiga província no sudeste da França cuja área correspondia, aproximadamente, aos atuais departamentos de Isère, Drôme e Altos Alpes. (N. da T.)

2 Aristide Albert. *Le maître d'école briançonnais et les libraires briançonnais*. Grenoble, Allier, 1874.

3 Aristide Albert. *Biographie, bibliographie du Briançonnais, canton de La Grave et du Monêtier de Briançon*. Grenoble, Imprimerie Veuve Rigaudin, 1877, pp. 95-96. Sucedendo a essa publicação, a Société d'Études des Hautes Alpes (n. de 1886, pp. 118-119) publicou um artigo do senhor Demersuay concernente às famílias de livreiros originários de La Salle, mas que tratava, de fato, dos Gravier e de sua emigração para Roma.

4 Aristide Albert. *Les briançonnais – Numa Bompard, agronome*. Gap, Jean et Peyrot, 1899, pp. 8-9.

Título	Livreiros do Novo Mundo: De Briançon ao Rio de Janeiro
Autor	Jean-Jacques Bompard
Tradução	Leila V. B. Gouvêa
Coordenação editorial	Ricardo Lima
Secretário gráfico	Ednilson Tristão
Preparação dos originais	Beatriz Marchesini
Revisão	Vinícius Emanuel Russi Vieira Vitória Bonuccelli Heringer Lisboa
Editoração eletrônica	Aline Martins | Sem Serifa
Design de capa	Editora da Unicamp
Formato	16 x 23 cm
Papel	Pólen soft 80 g/m^2 – miolo Cartão supremo 250 g/m^2 – capa
Tipografia	Minion Pro 10,5/15 pt
Número de páginas	248

ESTA OBRA FOI IMPRESSA NA RETTEC ARTES GRÁFICAS
PARA A EDITORA DA UNICAMP EM JUNHO DE 2021.

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

edusp